

1.

Primeiras palavras: a pesquisadora e a pesquisa

Devo confessar que o gosto pelo conhecimento surgiu na Universidade. Nasci e cresci em São Gonçalo, uma cidade onde as opções culturais eram raras; além disso, não era muito comum, pelo menos no que me cabe a memória, a valorização da leitura, sobretudo, de obras literárias. Assim que comecei os estudos em Letras – habilitação Português/Literaturas – na Faculdade de Formação de Professores da UERJ e em Comunicação Social na PUC-Rio, um novo mundo se abriu. Logo, percebi que precisaria mergulhar nos livros para acompanhar o ritmo das aulas e o nível dos meus colegas de turma. E assim o fiz.

Ainda considerava necessário me dividir entre a Literatura e o Jornalismo, quando cursei a disciplina Comunicação e Literatura na PUC em 2004. Durante o semestre, a professora Giovanna Dealtry, nos apresentou João do Rio. Ao final, estava estimulada a conhecer ainda mais esse escritor que possibilitava o diálogo entre as duas áreas de conhecimento escolhidas, por mim, nos exames de vestibular. No ano seguinte, procurei um grupo de pesquisa que seguisse a mesma linha e encontrei, então, o professor Renato Cordeiro Gomes, desde essa época, meu orientador. Era o início de minha trajetória acadêmica.

Com o passar do tempo e com o estímulo proveniente da leitura sobre João do Rio, “o primeiro grande repórter brasileiro do início do século XX” (GOMES, 2005:11), e das próprias produções do escritor, a pesquisa ganhou uma diretriz. O propósito era analisar as representações do Rio de Janeiro na obra de alguém que incorporou a cidade na sua denominação mais usada.

João Paulo Alberto Coelho Barreto, nome de batismo do escritor, nasceu no Rio de Janeiro em cinco de agosto de 1881 e estreou na imprensa antes de completar seus 18 anos. Durante a carreira profissional, Paulo Barreto colaborou em diversos jornais e revistas da época como *A Tribuna*; *Gazeta de Notícias*; *Correio Mercantil*; *O Paiz*; *A Ilustração Brasileira*; *A Revista da Semana*; entre outros. Em seus textos, João do Rio abordava desde assuntos como carnaval, teatro e música até política, educação e questões indígenas.

A peculiaridade do escritor, no entanto, deu-se em virtude dos relatos que fazia do Rio de Janeiro. O pseudônimo João do Rio – usado por Paulo Barreto

para assinar grande parte de sua obra e com o qual assinou todos os seus livros – revela sua forte ligação com a cidade, que foi narrada em toda sua multiplicidade. Como escreveu Ribeiro Couto, no *Correio Paulista*, a produção de João do Rio “é o reflexo da vida carioca em vinte anos de civilização em marcha” (COUTO *apud* GOMES, 2005:19).

O recorte mais específico do estudo surgiu no primeiro contato com a coluna *Cinematographo* publicada na *Gazeta de Notícias* e o livro homônimo de 1909. O título adotado por Paulo Barreto remete aos acontecimentos do início do século XX. Era a chegada da técnica no Brasil, dos novos aparatos modernos, do cinema. Esse fato provocou mudanças nas produções culturais, na percepção, nos hábitos e costumes. Tinha, então, encontrado meu objeto de estudo.

Neste momento, percebi as dificuldades que enfrentaria, pois não foi possível o acesso aos textos que estavam em microfilmes na Biblioteca Nacional. Portanto, voltei-me para a análise do livro homônimo, que deu origem ao trabalho de iniciação científica e de conclusão do curso de Comunicação Social da PUC-Rio.

Em seguida, ingressei no mestrado com o propósito de continuar a pesquisa. Chamou minha atenção a mudança de suporte de algumas produções do escritor, das folhas de jornais ou revistas para os livros. A proposta foi, portanto, investigar se o livro *Cinematographo* era apenas uma coletânea de crônicas da coluna, como parece ser à primeira vista. Era necessário, mais uma vez, o contato com o material, o que representa o resgate das crônicas que estavam em microfilmes na Biblioteca Nacional. Foram pedidas as cópias das crônicas não publicadas, mas ficaram ilegíveis¹ e é regra da instituição não autorizar os originais de arquivos que já foram microfilmados. Depois de algum tempo, muitas conversas e insistência, tive contato com esses originais.

Pensei que tudo estava resolvido, no entanto, cada publicação de *Cinematographo* tinha textos tão extensos que, ao serem transcritos para um documento *Word*, correspondiam a oito laudas em sua maioria. Deparei-me com um novo problema, pois apenas a transcrição permitiria a observação e análise de tais escritos. O fato impossibilitou o resgate das cento e quarenta e sete edições,

¹ Ver anexo A.

pois os limites de tempo e de recursos não permitiriam a digitação desse vasto conteúdo.

Já que no próprio livro *Cinematographo: crônicas cariocas*, João do Rio afirma ser objetivo narrar a vida carioca de 1908, a solução encontrada foi a de fazer o resgate do referido ano; o dos anos 1907, 1909 e 1910 ficaria para o doutorado. Na dissertação, debruçei-me sobre as publicações de 1908 da coluna com o propósito de pontuar suas características, além de revelar como a capital federal e os costumes daquela época eram representados nas crônicas. Com a mesma intenção, também foi examinado o livro homônimo. O foco, a começar por essas análises, foi o de realizar um estudo da transposição da coluna para o livro, enfatizando os critérios adotados por João do Rio para a composição de *Cinematographo: crônicas cariocas* (1909), e verificar como as crônicas que compõem os objetos de pesquisa representam o Rio de Janeiro no processo de modernização.

Agora, no doutorado, não havia dúvida: grande parte do tempo de pesquisa seria dedicada ao resgate de todas as edições da coluna *Cinematographo*. O resultado foi um material de aproximadamente 900 páginas que contempla as múltiplas vertentes do processo de modernização urbana e social pelo qual passou o Rio de Janeiro durante o início do século XX. É importante, no entanto, relatar que a estrutura desta tese surgiu a partir da leitura, fichamento, observação e diagnóstico desses textos. Foram escolhidos determinados eixos temáticos relacionados ao imaginário urbano, que possibilitam o estudo da relação da crônica com o Rio de Janeiro, com a modernidade, com a vida cultural, com as questões políticas e, por fim, com o cinema. Isto posto, a finalidade é salientar como a crônica assume diferentes modelizações para narrar a *belle époque* carioca.

Para dar início à caminhada, o primeiro passo será discutir algumas questões que permeiam a crônica, sobretudo, no que diz respeito ao seu papel na reorganização da cidade moderna e ao referido gênero enquanto forma de experiência urbana. Esse é o objetivo do primeiro capítulo. Cabe ressaltar que não se trata de historiar o gênero, mas de estabelecer relações com alguns pontos importantes para o estudo que ajudem a pensar as crônicas mais vinculadas às atividades jornalísticas e cinematográficas, ou seja, a crônica-reportagem e a

cinematografia das letras. Dessa maneira, surge a reflexão sobre as narrativas da época e, em consequência, o debate acerca da diluição de fronteiras entre a literatura, o jornalismo e o cinema. Será apresentada também, nesta parte da pesquisa, uma breve descrição dos objetos de estudo, sendo destacadas as características principais de ambos.

Na mesma toada, inicia-se “A crônica-reportagem”. Aqui, reaparecem as discussões acerca dos escritos que reordenam e ressignificam as urbes. Ao tomar a coluna *Cinematographo* como exemplo de tais escritos e registro histórico de uma determinada época, torna-se possível compreender o momento que tanto encantou João do Rio. A proposta é saltar até o período finissecular para observar as inúmeras transformações da cidade que se queria moderna. Urbanas, sociais, políticas, culturais e comportamentais, o fato é que se observam mudanças que afetaram verdadeiramente o cotidiano e a maneira de viver dos cidadãos. O chamado progresso beneficiou uma minoria que se revelava afoita e animada com a vida moderna. A outra parte, injustiçada, foi excluída da dinâmica da nova vida. O lema era mostrar o quão inserido estava o Brasil no mundo modernizado e civilizado através da imagem construída do Rio de Janeiro. Logo, a medida adotada pelo prefeito Pereira Passos foi camuflar os atrasos e evidenciar os ícones do progresso.

Brito Broca, em seu livro *A vida literária no Brasil 1900*, coloca a literatura como vida literária. No capítulo “A crônica cultural: a visão crítica das artes”, tomaremos cultura por vida cultural. Assim, a observação recai sobre as manifestações culturais da *belle époque* carioca, temas de inúmeros textos de *Cinematographo*. Surge, então, o seguinte questionamento: “as crônicas² de João do Rio, na coluna citada, se apresentam como notícias de produções culturais, revelam sua visão crítica desses produtos ou seriam exemplos de críticas da época?”. Para responder à indagação, será realizado um breve estudo sobre o exercício da crítica – do homem de letras, que colaborava com a crítica de rodapé, ao crítico-teórico – a fim de elucidar em quais sentidos os textos de Paulo Barreto de assemelham e se distanciam do que se entendia como crítica no início do

² Cabe informar que o vocábulo escolhido para denominar tais escritos de *Cinematographo* não se deu de forma aleatória. Ao chamar os referidos textos de crônicas e propor uma discussão acerca de sua possível aproximação com a crítica, reitera-se a tese desta pesquisa que se centra no hibridismo – ou modelizações – do gênero crônica.

século XX. Emerge, dessa ponderação, um desdobramento: “poderíamos dizer que Joe é um crítico-cronista ou seria ele um cronista-cultural?”.

Em “A crônica política: o moderno e o contemporâneo em João do Rio”, a atenção se volta para o viés político notado em suas crônicas. Num primeiro momento, a discussão se dá em torno da estética e da política, conceitos fundamentais para se pensar a arte segundo Jacques Rancière. Posteriormente, veremos o que há de contemporâneo em Paulo Barreto baseado na concepção de Agamben. Para o filósofo, ser contemporâneo é estar em consonância com o seu tempo e, simultaneamente, ser capaz de enxergar além do óbvio, o que o teórico chama de “obscuridade”. Acreditando ser João do Rio um exemplo do que Agamben define como contemporâneo, estudaremos a aproximação entre o referido conceito e o político. No entanto, antes de abordar a relação do escritor com a contemporaneidade, também será investigada a inquietação para o moderno em seus textos no sentido de localizá-lo no Modernismo, um movimento político hegemônico que o ignorou, assim como fez com outros artistas cariocas.

Por fim, o capítulo intitulado “A crônica cinematográfica” tem o intuito de relacionar a crônica à arte cinematográfica, que acabava de chegar ao Brasil e, por isso, foi tema – e, em alguns casos, até contaminou a própria produção – de textos jornalísticos e literários. Cada um com sua peculiaridade, a coluna *Cinematographo* e o livro de mesmo nome se mostram como verdadeiros exemplos dessa interseção de linguagens.

Buscaremos, portanto, elementos no sentido de provar que o livro não é a mera transcrição da coluna e nem a reunião, sem propósito, de textos do jornal. O olhar recai sobre uma bibliografia que reivindica a participação do suporte material na constituição de sentido. Acredita-se também na produção de significados de outros elementos como: a organização do volume; os títulos; subtítulos e a própria narrativa. A partir de indícios oferecidos pelo autor, o objetivo desta parte é ainda entender *Cinematographo: crônicas cariocas* como uma cinematografia das letras e desvendar, com base na leitura da referida obra, o cotidiano carioca durante o ano de 1908. Para isso, serão pinçadas as informações que caracterizam o período de modernização e o dia a dia dos que nele viveram para, depois, serem apresentadas as múltiplas facetas do Rio de Janeiro narradas pelo “cinematographo de letras” de Paulo Barreto.

Antes de finalizar, concernente ao exposto nesta introdução, vale comentar a relevância desta pesquisa como fonte para diferentes áreas. Por meio do olhar caleidoscópico de João do Rio, torna-se possível realizar um estudo que serve a distintos ramos do conhecimento como: a memória cultural, a antropologia urbana, a literatura, a sociologia, a história cultural e a comunicação.